

Self

- *Self*¹ - É o *arquétipo* da totalidade, isto é, tendência existente no inconsciente de todo ser humano à busca do máximo de si mesmo e ao encontro com Deus. É o centro organizador da *psiquê*. É o centro do aparelho psíquico, englobando o consciente e o inconsciente. Como *arquétipo*, se apresenta nos sonhos, mitos e contos de fadas como uma personalidade superior, como um rei, um salvador ou um redentor. É uma dimensão da qual o *ego* evolui e se constitui. O *Self* é o *arquétipo* central da ordem, da organização. São numerosos os símbolos oníricos do *Self*, a maioria deles aparecendo como figura central no sonho.

Encontro com o *Self*²

“Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra. Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.” Mateus, 5:5 e 9.

Mais do que evidente o sentido que se pode aplicar a essa colocação do Cristo, pois ela vai direto ao Espírito, sem a necessidade de complexas interpretações. A mensagem do Cristo é a da paz incondicional. Por mais que se lhe atribua atos de intransigência na defesa de suas idéias, não se pode negar que sua mensagem é inteiramente pacifista.

Em todas as parábolas do Evangelho pode-se ver o sentido profundo que se pretende alcançar, buscando colocar o ser humano em contato direto consigo mesmo e com Deus. A mensagem é de reflexão da própria consciência de quem ouve, levando-a a debruçar-se sobre si mesmo. Proporciona um mergulho no *si mesmo*, apaziguando toda forma de violência ou de projeção externa. É uma mensagem de paz, para a paz e em paz.

Além de nos colocar em contato com a necessidade de nos pautarmos externamente em atitudes de não-violência, convida-nos ao apaziguamento do nosso mundo íntimo, muitas vezes em turbilhão, face aos desequilíbrios alicerçados em experiências desarmoniosas do passado. A não-violência não é apenas um comportamento externo, mas, principalmente, um estado de espírito. Por força das leis de Deus, nosso estado interior atrai circunstâncias externas no intuito de

¹ NOVAES, Adenáuer. *Mito Pessoal e Destino Humano*. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 2005, p. 254.

² NOVAES, Adenáuer. *Psicologia do Evangelho*. 2. ed. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 1999, p. 61-65.

proporcionar o necessário equilíbrio e aprendizagem. A violência externa que nos atinge é fruto da desorganização interna que nos constitui. Equilibrar o mundo interior significa não mais necessitar atravessar processos educativos onde a violência seja componente.

As dificuldades externas ocorrem em função da necessidade de educarmos nosso mundo interno. É o mundo interno que “comanda” o externo. Nas vezes que questionamos a Vida sobre o motivo pelo qual ainda atravessamos certos problemas, devemos nos responder que continuaremos a vivenciá-los até que nos equilibremos interiormente.

Considerar os brandos e pacíficos bem-aventurados é estabelecer que o nosso mundo íntimo deve alcançar o estado da paz interior como condição para a real felicidade.

A paz interior é o maior bem pessoal. Há quem considere a saúde física como o maior bem que se pode ter, esquecendo-se de que um corpo sadio não garante paz de espírito. Outros consideram que a *saúde* financeira representa garantia de felicidade, esquecidos de que a paz interior não se compra, mas se conquista com esforço, dedicação e persistência no Bem. Ter dinheiro auxilia, porém não garante a felicidade.

Quando o Espírito desencarna leva exatamente suas aquisições psíquicas advindas das experiências emocionais que atravessou na encarnação. Isso sim é seu grande tesouro. A paz interior, ou o estar em paz consigo mesmo e com o mundo, concomitantemente, é o caminho da espiritualização.

Importante dizer que esse estado de paz interior deverá estar associado à paz com a sociedade, pois pouco adianta estar bem, porém isolado. O mundo externo é nossa arena, onde apresentamos quem somos e em que nível evolutivo nos encontramos. Ninguém é, sem **ser no mundo**.

Estar em paz é, portanto, um ato externo e interno, simultaneamente. A *individuação* real se processa enquanto vivemos em sociedade.

Vivemos numa sociedade em que, muitas vezes, necessitamos agir de forma mais persistente para conseguirmos realizar aquilo que nos determinamos, porém algumas vezes somos obrigados a atuar com certa veemência na defesa de pontos de vista importantes. Nesses momentos, é imprescindível a paz e o respeito às idéias com as quais não concordamos. Intransigência e intolerância não combinam com a brandura e com a paz. Diante da competição, seja de idéias, de posições sociais ou por qualquer motivo, é indispensável a solidariedade.

Se somos intransigentes com algo, que o busquemos com a determinação equilibrada. Nela navegaremos seguros frente ao desequilíbrio porventura existente no outro. A recomendação do Cristo é fundamental nos momentos de desafio que a vida nos coloca.

Num sentido psicológico, o Cristo nos convida a colocar a mente a serviço do *Self*, com seu senso de organização e propósito de crescimento. O *ego*, por não querer perder o poder que desfruta, entra em contendas externas desequilibrando nosso mundo íntimo. A brandura é o restabelecimento do equilíbrio necessário entre

o *ego* e o *Self*. O eixo *ego-Self* responde pela harmonia interna. Enquanto ele estiver alinhado temos a garantia de paz interior. Quando conseguirmos colocar o *ego* a serviço do *Self*, isto é, dirigir a função psíquica central da consciência para propósitos alinhados com o Espírito, alcançaremos o endereço da paz.

O recado do Cristo serve para o mundo psíquico sempre que percebemos que seguir propósitos exclusivos do *ego* torna-se fator de desequilíbrio. Ao contrário, perceber os propósitos do *Self* é garantia de seguir no rumo certo.

Ambos, *ego* e *Self*, devem estar sintonizados a serviço do Espírito, verdadeiro piloto da mente. Quando o Espírito toma a decisão de se orientar pela onda da paz e do amor, o *Self* passa a estabelecer princípios de organização e direção voltados para o Bem. Resta ao *ego* acostumar-se à nova ordem interna vigente. Inicialmente haverá o conflito entre os desejos do *ego* e as orientações do *Self*. Porém, à medida em que os embates das experiências externas reduzirem o poder do *ego*, os objetivos começarão a ser alcançados.

O mundo tecnológico influenciou sobremaneira as relações humanas, provocando, até certo ponto, um distanciamento entre as pessoas. As relações se tornaram mais frias e distanciadas de um verdadeiro encontro. Há, em verdade, mais desencontros que encontros. A mensagem do Cristo propõe um reencontro com o carinho e a doçura, esquecidos pelo *homo sapiens sapiens*. Ela nos convida a formarmos um novo ser humano, aquele que provavelmente teria a alcunha de *homo sapiens sapiens 'emotiones'*. Do ser humano intelectualizado para o ser humano emocionalmente evoluído.

Um gesto de carinho, muito mais do que proporcionar a intimidade com alguém, estabelece uma ligação pelo coração, onde o entendimento pode se dar de forma mais harmônica. Nesse sentido, quando, de alguma forma, entrarmos em contato com uma pessoa, deveremos chamá-la pelo nome e tratá-la com o respeito e a dignidade que todo ser humano merece. Evitar tratar as pessoas por títulos, cargos, alcunhas ou pela função que exerce naquele momento.

O carinho e a doçura estarão presentes sempre que nos preocuparmos com que a nossa fala eleve o outro, isto é, faça-o sentir-se bem. Perguntar-se sempre antes de falar: o que vou dizer é construtivo ou não? Vai melhorar a relação vigente entre nós? Vai favorecer a mim mesmo e ao outro?

São perguntas importantes para os objetivos a que nos propomos, isto é, de crescermos interiormente e nas nossas relações interpessoais.

Ser carinhoso e ser doce com as pessoas é o mesmo que não as expormos aos nossos conflitos íntimos nem submeter-lhes ao *fígado* dos nossos desequilíbrios internos. É poupar-lhes o dissabor de servir de descarga das nossas emoções desarmonizadas. O Cristo nos convida a harmonizarmos a mente com o carinho e a doçura internas. Tratar bem dos nossos conflitos, dando-lhes a atenção devida, é garantia para o equilíbrio psíquico que desejamos.

Agir com paciência diante dos outros é nossa obrigação e dever de quem deseja melhorar-se a cada dia. Porém, precisamos entender que devemos paciência para conosco mesmos. Cabe-nos considerar que não é possível resolver numa

encarnação, problemas estruturados em várias encarnações. Precisamos ter paciência com nossas imperfeições, tanto quanto com as dos outros. A exigência de ser perfeito de forma rápida, pode tornar-nos impacientes para conosco mesmos.

A paz interior não é um conceito mental nem surge simplesmente do controle dos pensamentos, mas nasce da abertura para assumir-se com seus conflitos e na determinação em solucioná-los. Negar seus problemas, comportando-se de acordo com um modelo ideal propagado por sistemas filosóficos e religiosos, é fugir da paz interior. O único caminho eficiente para alcançar esse propósito é a coragem de olhar para dentro de si mesmo.

A paciência, no sentido psicológico, é a capacidade de adiar uma ação ou uma reação. Esse adiamento pode levar segundos ou até anos. A ação ou reação não devem se constituir em simples respostas aos estímulos ambientais, mas, principalmente, em sua percepção e na adição de respostas contendo valores morais superiores.

O caminho da evolução espiritual é o da amorosidade. Amorosidade nas relações com as pessoas, consigo mesmo e com a Vida. Ser amoroso é tratar as ocorrências da vida como processos a serem vencidos com determinação e tranquilidade. Os reveses, tanto quanto as alegrias da vida, não são ocorrências definitivas nem o fim em si do viver, são tão somente experiências que nos capacitarão à vida verdadeira, a espiritual. Viver essas experiências com amor é garantia certa de aprendizado.

A serviço do *Self*³

“Acautelai-vos dos falsos profetas que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores.” Mateus 7:15.

Os falsos cristos são aqueles que, embora divulguem a mensagem cristã, não se propõem conscientemente a vivenciá-la, usando-a para fins pessoais e visando a obtenção do poder. Pregam falsas doutrinas em nome do Cristo, de acordo com seus próprios interesses. São comerciantes da fé e aproveitadores da credulidade alheia. Usam a religião para servir como alternativa a seus propósitos inconfessáveis e, por vezes, inconscientes.

O alerta do Cristo pode também ser tomado em sentido psicológico na medida que entendamos como referentes às armadilhas psíquicas em que nós mesmos caímos por não conhecermos devidamente o funcionamento da *psiquê* humana. Esse desconhecimento é decorrente da ignorância que ainda temos do próprio psiquismo humano, considerando-o ingenuamente como produto da química cerebral. Na

³ NOVAES, Adenauer. *Psicologia do Evangelho*. 2. ed. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 1999, p. 116-119.

medida que o ser humano evolui espiritualmente, ele melhor utiliza seus recursos psíquicos.

Essas armadilhas psíquicas são os mecanismos de defesa de que nos utilizamos face à incapacidade de lidar com a realidade externa quando esta entra em confronto com a interna. Nem sempre suportamos o peso da culpa, do remorso, da falta, do ódio, etc., preferindo a utilização de *bengalas* psíquicas para compensar o peso do inconsciente.

Os falsos 'cristos' são as falsas verdades que adotamos, não só aquelas que nos parecem verdadeiras, portanto não nos damos conta de sua nocividade, como também aquelas que, deliberadamente, adotamos como certas, mesmo sabendo dos prejuízos delas decorrentes. Também nos trazem prejuízos, semelhantes aos falsos cristos, as atitudes que tendem a nos trazer a falsa sensação de felicidade, sem o necessário esforço para conquistá-la.

São mecanismos de defesas, ou *bengalas* psíquicas, típicos, atuando psicologicamente em nós como falsos cristos:

a) quando transferimos para o mundo externo as responsabilidades que nos competem, adjetivando as pessoas com nossas próprias características não percebidas;

b) quando nos atribuímos qualidades superlativas, pertencentes a pessoas as quais admiramos;

c) quando voltamos a um comportamento antigo que já não mais necessitávamos adotar;

d) quando ampliamos uma qualidade ou defeito de alguém para outras pessoas que com ele convivem;

e) quando reprimimos um comportamento por uma proibição sem a necessária consciência de seus efeitos;

f) quando manifestamos fisicamente emoções não trabalhadas eficazmente;

g) quando nos distanciamos dos problemas por fuga ou medo de enfrentá-los;

h) quando nos achamos impotentes para sair de determinadas situações críticas;

i) quando buscamos justificativas simplistas para atitudes equivocadas ou frustrações não percebidas;

j) quando adotamos um comportamento diametralmente oposto ao que não sabemos aceitar e entender em nós ou nos outros.

Os mecanismos que nos afastam do necessário enfrentamento com nossa realidade interna, cuja percepção só é, em última análise, privilégio de Deus, se tornam fortemente arraigados em nossa personalidade, a ponto de permanecermos incontáveis encarnações sem nos darmos conta de sua consistência e imanência em nós. Eles se tornam parte de nossa personalidade e só deixam de influenciá-la na medida que buscamos investir num processo de autodescoberta e autotransformação.

O principal falso cristo se apresenta na medida que damos mais atenção aos apelos do *ego* e suas exigências de poder, em detrimento da valorização do *Self*, instrumento de ordenação e organização do Espírito. Devemos viver a serviço do

Self e não do *ego*. Isto significa entender que, quando me refiro ao **eu**, deveria imaginar a individualidade eterna, isto é, o Espírito, e não apenas o eu encarnado, envolvido pelas contingências culturais e circunstanciais.

Não seguir os falsos cristos é assumir o comando de sua própria encarnação, sem prosseguir imitando os outros. Nem o próprio Cristo deve ser imitado, pois cada um deve seguir sua própria vida e carregar a própria cruz. Sua mensagem deve ser seguida, mas sua vida não deve ser imitada, isto é, não se deve copiar os costumes e hábitos de sua cultura e época. Devemos seguir nossas próprias tendências positivas sem imitarmos os outros. A imitação é sempre cópia e arremedo da verdade. Vivenciar e incorporar a mensagem não é imitar seu autor.

Cada um de nós, para não seguirmos um falso sentido da mensagem, deve descobrir a própria singularidade de que somos constituídos. O que é bom para os outros nem sempre o é para mim. Devo seguir meu destino com meus próprios pés. Soa falso acreditar que o caminho da verdade é como uma linha de montagem de uma fábrica. A mensagem é única, porém a forma de vivenciá-la é distinta para cada ser humano.

Os falsos cristos dentro de nós são as velhas concepções arcaicas a respeito da vida e do futuro, onde se considerava a vida como produto da biologia do organismo físico, onde a velha crença de que a morte é o fim, domina a vida consciente, impedindo a manifestação da individualidade eterna, o Espírito imortal. O domínio, na consciência, de que a Vida se apaga com a morte do corpo tornou-se um alçó para o Espírito. Talvez este seja o principal falso cristo do ser humano.

Há outros falsos cristos que se incorporam, sem pedir licença, à nossa personalidade e que, muitas vezes, se tornam tão autônomos que parecem se confundir com ela. São o que Jung chama de *personas*, ou *máscaras* sociais. São formas de relacionar-se com o mundo que podem gozar de certa autonomia e que, se o *ego* se identificar muito com elas, podem tomar seu lugar. Necessitamos, ao longo da encarnação, nos desvestir dessas máscaras que, muitas vezes, vêm se estruturando e dominando a personalidade, por várias encarnações. Nem sempre é possível, tal o grau de identidade entre o *ego* e a *persona*, desvestir-se dela ou mesmo percebê-la. Um exemplo muito claro é quando, por adotarmos uma mesma profissão por várias encarnações, acabamos por não conseguir deixar de pensar e agir pelos modos típicos daquela profissão.

Desvestir-se das *personas*, equivale a aprender a fazer diferença entre a atitude externa, face às exigências do meio, e a personalidade integral, essência interna e divina, Espírito imortal. Desvestir-se é aprender a usar sem se permitir ser tomado por elas. É utilizar na medida em que o meio o exija.

Seguir o verdadeiro *Cristo* é descobrir a tendência divina contida na estrutura do *Self*, onde repousam as leis de Deus, como balizadores do destino do ser humano. Ao Espírito só chegam as leis de Deus e elas se consolidam nas tendências do *Self*.